

# A EXISTÊNCIA DE DEUS

O essencial

Desidério Murcho



PLÁTANO EDITORA

# ÍNDICE

## PREFÁCIO

### 1. SERÁ QUE DEUS EXISTE?

- 1.1 A divindade teísta
- 1.2 Filosofia e religião
  - Resumo do capítulo
  - Exercícios
  - Para pensar

### 2. ARGUMENTOS COSMOLÓGICOS

- 2.1 Explicar a existência
- 2.2 A versão de Tomás
- 2.3 Primeira dificuldade
- 2.4 Segunda dificuldade
- 2.5 Conclusão
  - Resumo do capítulo
  - Exercícios
  - Para pensar

### 3. ARGUMENTOS TELEOLÓGICOS

- 3.1 Explicar a ordem
- 3.2 A versão de Tomás
- 3.3 Uma dificuldade
- 3.4 Conclusão
  - Resumo do capítulo
  - Exercícios
  - Para pensar

### 4. ARGUMENTOS ONTOLÓGICOS

- 4.1 A versão de Anselmo
- 4.2 Primeira dificuldade
- 4.3 Segunda dificuldade
- 4.4 Terceira dificuldade
- 4.5 Conclusão
  - Resumo do capítulo
  - Exercícios
  - Para pensar

## 5. FIDEÍSMO

5.1 O fideísmo de Pascal

5.2 A aposta de Pascal

5.3 Primeira dificuldade

5.4 Segunda dificuldade

5.5 Conclusão

Resumo do capítulo

Exercícios

Para pensar

## 6. O PROBLEMA DO MAL

6.1 Dois problemas do mal

6.2 O melhor dos mundos

6.3 O mal aparente

6.4 Primeira dificuldade

6.5 Segunda dificuldade

6.6 Conclusão

Resumo do capítulo

Exercícios

Para pensar

## 7. DESENVOLVIMENTOS RECENTES

7.1 O problema do mal

7.2 Fideísm

7.3 Argumentos ontológicos

7.4 Argumentos teleológicos

7.5 Argumentos cosmológicos

## EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

**Capítulo 1:** Será que Deus existe?

**Capítulo 2:** Argumentos cosmológicos

**Capítulo 3:** Argumentos teleológicos

**Capítulo 4:** Argumentos ontológicos

**Capítulo 5:** Fideísmo

**Capítulo 6:** O problema do mal

## BIBLIOGRAFIA

Leituras introdutórias .....	91
Bibliografia primária .....	92
Bibliografia secundária .....	93
Desenvolvimentos recentes .....	94

# 1. SERÁ QUE DEUS EXISTE?

Qualquer pessoa compreende superficialmente a pergunta que dá título a este capítulo. Porquê superficialmente? Porque, enquanto não se explicar o que se entende por «Deus», a pergunta é demasiado vaga.

Ao longo da história da humanidade, foram surgindo várias concepções de deuses — dos pré-históricos aos da Grécia da Antiguidade, passando pelos deuses do Egito clássico e também da China e da Índia, dos astecas e dos maias, entre tantos outros. Quando se pergunta se Deus existe, qual desses inúmeros deuses se tem em mente?

Na Europa, desde o século IV que divindade cristã ganhou proeminência cultural, política, social — e também filosófica. E é por isso que na filosofia europeia, aquela que está aqui em causa, se entende quase sempre a pergunta deste capítulo tendo em mente exclusivamente o conceito teísta de divindade.

## 1.1 A DIVINDADE TEÍSTA

Nem todas as divindades são teístas; Apolo e Rá são divindades, mas não são teístas. As divindades teístas são, entre outras coisas, onnipotentes, omniscientes, sumamente boas, criadoras e transcendentais, além de serem também pessoas. Mas que quer isto dizer?

- 1. *Omnipotentes.*** Ser onnipotente é o mesmo que ser todo-poderoso. Mas isto não significa que uma divindade onnipotente tenha o poder de fazer coisas impossíveis, como tornar ímpar o número 2. Assim, ser onnipotente é apenas ter o poder de fazer tudo o que é possível fazer.
- 2. *Omniscientes.*** Ser omnisciente é o mesmo que ser sumamente sábio. As divindades omniscientes sabem tudo o que é possível saber. Isto não significa que sabem realmente tudo, porque há várias coisas que é impossível saber. Por exemplo, é impossível saber que existe um número par maior que qualquer outro, simplesmente porque não existe tal número.

3. **Sumamente boas.** Ser sumamente bom é o mesmo que ser omnibenevolente ou moralmente perfeito. As divindades sumamente boas só fazem e querem o bem. Isto significa que uma divindade sumamente boa não promove ou faz coisas más; porém, talvez algumas coisas más sejam consequências inevitáveis das boas que a divindade promove.
4. **Criadoras.** As divindades criadoras são as autoras de toda a realidade espaço-temporal; criaram o Universo, com tudo o que contém, e não apenas algumas partes do Universo. Isto não significa que criaram cada coisa individualmente; talvez isso seja assim ou talvez não — talvez tenham criado o Big Bang, por exemplo, de maneira a garantir que mais tarde surdissem naturalmente planetas e seres humanos.
5. **Transcendentes.** As divindades transcendentes são distintas do Universo, ou seja, estão para lá dele; não são imanentes, ou seja, não são o próprio Universo, nem sequer quaisquer partes do Universo (como o Sol ou a trovoadas). Isto não significa que estejam para lá da realidade; o que significa é que a realidade não se reduz ao Universo espaço-temporal.
6. **Pessoas.** As divindades que são pessoas têm estados mentais (pensam, querem e sentem) e agem de acordo com esses estados; não são meras forças da natureza, como a trovoadas ou um ciclone. Isto não significa que sejam pessoas humanas; são pessoas, mas divinas.

As divindades só são teístas quando têm todas estas características em conjunto, além de outras. Uma divindade que tenha apenas algumas delas, mas não todas, não é teísta. Por outro lado, em religiões diferentes presta-se culto a diferentes divindades teístas. A divindade judaica é diferente da cristã, que por sua vez é diferente da islâmica — mas as três são teístas. O que as torna diferentes são outras características que não cabe aqui referir.

Quando se especificam estas características das divindades teístas, não se está disfarçadamente a pressupor que existe realmente uma divindade que seja assim; talvez não exista divindade alguma, teísta ou não; ou talvez existam divindades, mas que não sejam teístas porque não têm uma ou mais das características especificadas. O que interessa é explicitar com algum rigor o que se entende quase sempre na filosofia europeia com a palavra «Deus».

É importante não confundir o teísmo com o deísmo, que é a ideia de que o Universo tem origem numa divindade criadora que não tem outras características teístas, como ser uma pessoa sumamente boa. Tanto o deísmo como o teísmo são formas de monoteísmo porque se considera em ambos os casos que só há uma divindade propriamente dita (ainda que talvez existam outras entidades sobrenaturais, como demónios e anjos). Assim, contrastam ambas com o politeísmo, que é a crença de que existem várias divindades. O henoteísmo é uma forma de politeísmo na qual se reconhece a existência de várias divindades, mas se presta culto apenas a uma delas.

Com algumas simplificações, a tabela seguinte especifica as principais diferenças entre conceções rivais do divino:

Tipos de divindades						
	Omnipotentes	Omniscientes	Sumamente boas	Criadoras	Transcendentes	Pessoas
Politeísmo	Não					Sim
Panteísmo	Sim	Não				
Deísmo		Não		Sim		Não
Teísmo	Sim					

## 1.2 FILOSOFIA E RELIGIÃO

Muitas pessoas encaram a crença religiosa como uma opção meramente pessoal; consideram que perguntar se Deus existe, e esperar uma resposta filosófica, é descabido. A ideia é que as pessoas teriam a liberdade de acreditar ou não que Deus existe, consoante queiram uma coisa ou outra, e que não seria apropriado questionar a sua crença, ou descrença.

Essa, contudo, não tem sido a posição filosófica ao longo dos séculos, incluindo da maior parte dos filósofos crentes. E há boas razões para considerar que a hipótese de Deus existir é de levar muito a sério filosoficamente, ainda que as crenças religiosas das pessoas tenham muitos aspetos emocionais e pessoais. Eis duas dessas razões.

Em primeiro lugar, caso Deus exista, a realidade é muitíssimo diferente do que no caso de Deus não existir. Uma pessoa que tenha curiosidade intelectual quer conhecer os aspetos mais profundos da realidade ou pelo menos tentar conhecê-los. Da mesma maneira que uma pessoa com curiosidade intelectual quer saber de que é feito o Sol, o que é a água ou por que razão se extinguiram os Neandertais, ela quer também saber se a realidade é exclusivamente o produto de forças naturais ou, se pelo contrário, existe algo além da matéria e da energia, nomeadamente uma divindade, ou mais de uma.